

RESSACA LITERÁRIA

ANO 5, Nº 8. FEVEREIRO, 2021

revista de poesia, prosa et cetera



Apoio:



• ACADEMIA DE INGLÊS •

Washington®

SUMÁRIO

PARA INÍCIO DE CONVERSA	05
RESSACA DE LEITURA	06
NO CAMINHO DA PROSA	10
ONDAS DE POESIA.....	15
TEORIA LITERÁRIA	22
ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO	26
ENTREVISTA	30
MARULHOS LITERÁRIOS.....	34
LITERATURA TOCANTINENSE	35
PRODUÇÃO ACADÊMICA	37
OUTRAS ARTES	42
CURIOSIDADES LITERÁRIAS	46

Nossa capa

NOSSA CAPA: Luiz Fernando Macedo de Araújo

Título: Sobre o toque das ondas

Dimensão: 0,40 x 0,30 m

Técnica: Acrílico sobre tela



revista de poesia, prosa et cetera



Luiz Fernando Macedo Araújo é artista plástico, desenhista e acadêmico do terceiro período do Curso de Letras da Universidade de Gurupi (UNIRG). Desde criança foi incentivado pela mãe a expressar seus sentimentos por meio da arte. Começou com desenhos simples e, aos poucos, foi aperfeiçoando seus traços. Hoje Luiz pinta telas com a sensibilidade de quem faz poesia, põe na composição das tintas a mesma suavidade com que toca a tela com os pinceis. Luiz diz ser apaixonado por desenhos e pinturas e busca sempre melhorar a sua técnica.

EDIÇÕES ANTERIORES



PREFIXO EDITORIAL: 922619
NÚMERO ISBN: 978-65-00-09155-7
TÍTULO: Ressaca Literária Nº 08
TIPO DE SUPORTE: papel
VEICULAÇÃO: Físico

PRODUÇÃO: Curso de Letras - UnirG
DIREÇÃO: Maria Wellitania Oliveira

UNIVERSIDADE DE GURUPI - UNIRG

Presidente:

Thiago Piñero Miranda

Diretor Administrativo Financeiro

Oximano Pereira Jorge

Reitora:

Dr^a. Sara Falcão de Sousa

Vice-Reitor:

Prof. Me. Jeann Bruno Ferreira da Silva

Pró-reitor de Graduação e Extensão:

Prof^a. Dra. Rise Consolação Luata Costa Rank

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:

Prof. Dr. Fábio Pegoraro

Coordenadora do Curso de Letras:

Prof^a. Ma. Maria Wellitania de Oliveira

Coordenadora de Estágio:

Prof^a. Ma. Lucivânia Carvalho Barcelo

COORDENADOR DE REDAÇÃO:

Lucas dos Santos Costa

REDAÇÃO/TEXTOS/FOTOS:

Ana Marina Silva Mariano

Ântoni Vizzotto Branco

Brunno de Sousa e Silva

Domingas Santana dos Reis

Elane Aparecida M. Santos Milhomem

Felipe Oliveira Neves

Isabelle Alves Neves

Jeremias Silva Pereira

Louygrime Soares dos Reis

Milena Castro Milhomem

Rafaely Pimentel Ribeiro Lima

Thallison Henrique de Souza Assunção

Victória Reginna Soares Cavalcante

DIAGRAMAÇÃO: Natan Fernandes

PROJETO GRÁFICO:

Wellitania Oliveira

CORREÇÃO: Fabiano Donato Leite

REVISÃO: Ilcemara Regina Iensen Farenzana

IMPRESSÃO: Gráfica Modelo

TIRAGEM: 100 exemplares

CONTATO:

ressacaliteraria2017@gmail.com

WHATSAPP:

(63) 98427-7656 / 98401-6722

Rua F, quadra 30, lote 14 nº 90,

Gurupi – TO – 77405-330





Para Início de Conversa

Aqui estamos nós, na 8ª edição da RESSACA LITERÁRIA. Quatro anos de leituras e de resistência, marcados pela constante participação acadêmica e pela criatividade de todos os colaboradores. A Revista foi idealizada por acadêmicos, que ao adentrarem no curso de Letras, sentiram a necessidade de um veículo que lhes permitisse estabelecer contato entre suas produções e o público. A Revista mostra-se como meio de demonstração daquilo que se aprende teoricamente no curso, como ainda de realização prática dos conteúdos aprendidos. Desde a criação da capa, até a escrita das colunas constantes da Revista, tudo reflete o cuidado com a Arte Literária e com a linguagem das demais artes, culminando na interação com o público leitor e praticante da nossa língua.

Encolunada a partir da Ressaca de Leitura, momento em que algum autor ou obra são exibidos ao leitor sob um olhar crítico, a Revista traz ainda os trabalhos iniciais de prosa e poesia dos acadêmicos, que têm neste momento a oportunidade de expor suas criações engavetadas.

Já as colunas de Teoria Literária e do Espaço Acadêmico Autobiográfico tratam respectivamente de obras e contextos literários e da vida e trajetória de um professor do curso de Letras da instituição Unirg. As colunas Entrevista e Marulhos Literários são

os momentos em que a comunidade toma conhecimento de uma personalidade da Academia de Letras de Gurupi, parceira de nossa instituição e de alguma obra publicada de Literatura. A coluna Literatura Tocantinense diz respeito especificamente a alguma obra produzida de teor regional. Na coluna Produção Acadêmica toma-se conhecimento de trabalhos produzidos pelos acadêmicos a respeito de obras e autores de nossa e de outras literaturas.

Na coluna “Outras Artes” ocorre o diálogo entre Literatura e outras expressões artísticas, sempre procurando o intercâmbio entre as variadas formas de expressão atuais. Encerrando, a coluna Curiosidades Literárias, o leitor toma conhecimento de aspectos da vida e da obra de autores atuais ou não de nossa ou de outras Literaturas.

Enfim, num processo de permanente diálogo através das múltiplas linguagens, a Revista vai desenvolvendo sua história de contribuição literária com a comunidade, despontando e fazendo acontecer os talentos acadêmicos num fazer arte e linguagem conforme anunciado pelas exigências da graduação em Letras.

Wellitania Oliveira

Para comentários, sugestões, possíveis parcerias e mais informações, escreva para:
ressacaliteraria2017@gmail.com

RESSACA DE LEITURA



CLARICE DISSE OU NÃO DISSE?

Ela chegou aos cem anos mais viva do que nunca. Como ela mesma afirma em *A hora da estrela* “Porque há o direito ao grito. Então eu grito. Grito puro e sem pedir esmola.”

Nascida ucraniana, mas logo transformada brasileira, Clarice Lispector vem sendo cada vez mais a voz feminina da prosa de língua portuguesa mais lida ao redor do mundo. Por diversas vezes e por vários críticos comparada à grandiosidade de um James Joyce, autor de quem Clarice jamais escondeu a influência, a famosa prosadora poetisa que aos dezoito anos de idade surpreendia a *Crítica Literária* com a força do romance **Perto do Coração selvagem**, continua surpreendendo os leitores atuais com sua escrita intensa, envolvente e demasiadamente profunda. São muitas as suas traduções para muitos idiomas.

Concomitantemente às suas traduções, ocorrem porém os adultérios contra a essência da escrita desta mulher. Parece até que a autora faz valer o dito que “morre o homem e nasce o adultério.”

Remédio contra a mediocridade de quem atribui a Clarice o que ela não escreveu, nem disse: leitura de suas obras. Pois exatamente esta é a receita contra falsas citações atribuídas a Clarice. Leiamos Clarice. Leitura envolvente, intensa, inteligente.

A experiência de adentrarmos o mundo clariceano nos impulsiona para o momento epifânico e trágico das vidas de suas personagens como **Macabéa**, misto de heroína ninguém da novela **A hora da estrela**, a qual descobre pasma que nem todos nascem para ser mocinho ou mocinha hollywoodianos, mas que brilhar é um duro

exercício das exceções. A vida desta moça ingênua, migrante nordestina, feia e analfabeta mostra ao leitor o rompimento com as ilusões de que o mundo contemporâneo veste a nossa juventude, segundo as quais todos podem ser tudo, basta querer. A moça descobre ao final da vida, atropelada pela Mercedes, que só brilhou no instante agonizante. Mas, deixemos de lado os tristes finais, que Clarice está só começando.

Clarice é bem melhor de ser lida pelo começo. Mundos de transcendência descortinam-se ao leitor nas indagações de Joana, de **Perto do coração selvagem**. Nesta obra inicial de Clarice Lispector, publicada em 1943, marcando o início do chamado Pós-Modernismo brasileiro, a luminosa personagem feminina rompe com paradigmas existenciais da época e imerge o leitor na investigação do sentido de existir. A incansável busca de Joana pela felicidade e por respostas ao dilema da vida humana permeia a obra toda de Clarice e encontra eco ainda na derradeira obra da autora, quando ela afirma inquieta; “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever.”

Correr o risco de ler Clarice Lispector é correr o risco de encontrar-se. E tudo numa descoberta efervescente, inquieta, intensa. Aliás, tudo em Clarice é marcado pela intensidade. Alegrias, medos, angústias, esperas. Tudo na sua prosa irmã da poesia descamba no clímax da iluminação. Clarice não ensaia vislumbres, Clarice explode em

apoteoses de luz, embora dolorosíssimas, mas sempre inovadoras. A experiência de lermos Clarice é única e sem volta. Sempre recomendarei **Perto do coração selvagem**, tanto por aquilo que a obra tem de libertadora da condição humana, quanto por causa das inovações estéticas que a autora apresenta neste romance singular. Quer uma obra boa de Clarice? Toda a obra. Clarice é destas autoras que nos apaixonam desde o início e nos arrebatam nas mínimas linhas. Talvez também por isto seja tão perigoso ler Clarice fora de suas obras. O risco de lermos declarações bombásticas atribuídas nervosa e irresponsavelmente à autora tem se tornado enorme atualmente. Por fanatismo ou por ignorância, que aliás dão na mesma, pessoas criam um disse não disse sobre Clarice.

Segurança mesmo só na obra. Em citações, corra ao livro da autora. Livros de Clarice são quase bíblicos. Merecem ser destacadas a cada parágrafo. Impossível alguém tomar um livro desta autora e não sublinhar uma infinidade de trechos meio-prosa, meio-poesia. Não tem jeito mesmo. É sedução ao primeiro contato e viagem ao interior de nós mesmos certamente.

De sorte que, para não levarmos gato por lebre, ou melhor Literatura verdadeira por alho de baixa cozinha, leiamos Clarice no original, ou melhor no livro da própria autora, só assim evitaremos o disse não disse a respeito de Clarice.

Fabiano Donato Leite

Referência LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. São Paulo;Rocco, 1998.

¹ LEITE, Fabiano Donato – Professor. Atuou como professor de Literatura do curso de Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.

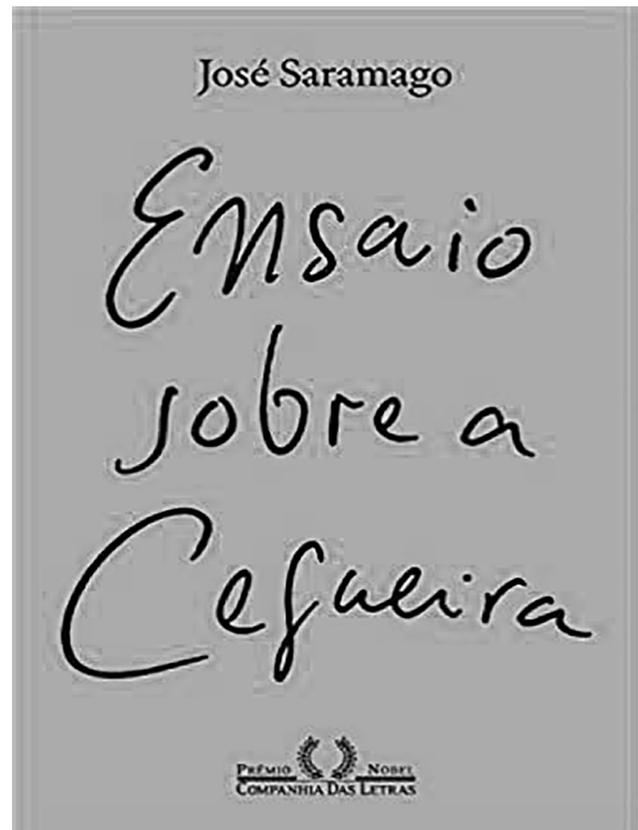
A VERDADEIRA FACE DO SER HUMANO

Alessandro Pereira Camargo Júnior

Após a leitura do livro “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago, pudemos constatar que nós, os seres humanos, possuímos várias faces e que estamos em constante busca pela verdadeira. Assim, com base no tema da narrativa, faremos uma breve apreciação da obra, na tentativa de mostrar que o ser humano está longe de ser perfeito. Para tal, apresentaremos fatos e argumentos sobre a temática do livro, fazendo o paralelo com o contexto atual do mundo, tomado pela pandemia Covid-19.

Se atentarmos para os elementos da verossimilhança é possível ver no livro um cenário parecido com a realidade em que vivemos, só que ao invés de ser um vírus semelhante à gripe é uma cegueira em que se vê apenas o branco bem forte ao ponto de não enxergar nada. E essa cegueira não tem cura, por isso, o governo ordena que seja feito um isolamento, em massa, de todas as pessoas que contraíram essa cegueira. No entanto, neste local de isolamento, há uma pessoa que não contraiu a cegueira, e ela vendo como as pessoas se comportam, consegue perceber a verdadeira face das pessoas, como o ser humano realmente é em momentos de medo e sobrevivência extrema.

Não é novidade pra ninguém que neste mundo não existe um ser perfeito, mas ainda há um questionamento que todos já nos fizemos: algum dia nós seremos



perfeitos? Certamente que não, enquanto seres humanos, nós sempre estaremos suscetíveis a erros e acertos e, afinal, será que não é isso que torna a vida interessante e bela?

O homem nunca estará satisfeito. Ele é egoísta por natureza, só pensa em si mesmo e em seu crescimento pessoal e, acredite, ele fará tudo pra alcançar isso, até pisar, desmerecer e acabar com a vida dos outros. Os amigos que ele tem são para crescimento próprio, o ser humano quer poder, o ser humano quer vencer e isso se torna meio que uma faca de dois gumes, pois no momento em que seu crescimento depende de você diminuir os outros você já se torna uma pessoa totalmente frustrada com a vida, mas no fundo, você está frustrado é com você mesmo.

Se me perguntassem hoje: O mundo tem salvação? Eu diria facilmente que não, vivemos tempos difíceis e se cada um fizesse sua parte o mundo seria totalmente diferente, seria um lugar bom e harmonioso, tranquilo e calmo, bonito e espetacular, o mundo teria mais amor e menos ódio, mais equidade e não igualdade, porque igualdade não existe em um mundo onde todos são diferentes.

O mundo não possui nem sequer empatia, seres humanos escravizam sua própria raça, maltratam seus familiares e negam ajuda a quem realmente precisa, então digo que chegamos a um ponto em que a única salvação do mundo é por meio da extinção do ser humano, uma criatura complexa e destruidora de tudo que toca, o ser humano é sua própria ruína e infelizmente a tendência é só piorar.

Assim, podemos perceber que o ser humano se adapta de acordo com a necessidade, é como se tivéssemos várias

personalidades e só a demonstramos em determinada situação e emoção, mas qual a verdadeira, ninguém sabe e dificilmente saberá, a única coisa que sabemos é que somos podres e sim digo isso no modo geral mesmo. O ser humano não sabe quem ele mesmo é, mas insiste em tentar saber. Eu tentei saber e descobri que não devo tentar saber, pois a nossa verdadeira face pode ser aquela que nunca se quer chegamos a usar. Segundo Saramago (1995) “Estamos a destruir o planeta e o egoísmo de cada geração não se preocupa em perguntar como é que vão viver os que virão depois. A única coisa que importa é o triunfo do agora. É a isto que eu chamo a cegueira da razão.”

Ficamos pensando quantas máscaras usamos? Quantas iremos usar? Concluimos que todos possuímos uma verdadeira face só não sabemos quando estamos utilizando afinal é como Saramago disse (1995) “A pior cegueira é a mental, que faz com que não reconheçamos o que temos pela frente.”

Referências:

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira, São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 310p.

APARIÇÃO

Morgana Bezerra Alves

As luzes já estavam acesas, iluminando o caminho que parecia mais longo e árduo. As ruas desertas abrigavam os meus segredos, o meu medo, a minha escuridão. A noite se aproximava e não havia barulho, não havia ninguém.

Corri o mais depressa que pude, agarrei a última esperança que tinha, não senti o ar em meus pulmões. Naquele momento o mundo estava diferente, imóvel, subitamente vi sangue em minhas roupas, era tarde demais.

Senti que a vida havia me deixado, enfim, eu era um fantasma.

NO CAMINHO DA PROSA



JÚLIA

Por Victória Reginna

Não muito afastado de Nova York, no campo, árvores enormes, uma linda vista, a noite era tão magnífica quanto a aurora boreal. Lá por volta dos anos 30, ocorria uma grande depressão em todo o mundo, era difícil a vida ali, não tinha muito o que comer tão pouco o que vestir, a vida era simples.

Não muito longe havia um vizinho, uns 5 quilômetros para ser mais exato, era a família Sebastian, tinha um rapaz, o Rodolfo, sempre gentil e amoroso com todos,

Arnaldo e Elizabeth tinham apenas Júlia. Em sua segunda gravidez Júlia teve sérios problemas, foi preciso tirar o bebê antes, já que sua vida encontrava-se em risco.

A jovem Júlia cresceu numa família complicada, pai alcoólatra, violento, uma mãe sem muitas vontades, submissa aos mandados daqueles com quem morava.

Sem entender o que acontecia, ao anoitecer escutava sua mãe chorando baixinho, algumas vezes havia barulho de pratos e copos sendo jogados contra a parede.

Em uma manhã ensolarada viu marcas nunca antes vistas por ela, roxos, sabia que era recente, sua mãe acabara de chegar do hospital com olhos inchados e roxos, havia pontos em seu braço, um grande corte, suas pernas estavam com muitas marcas, algumas maiores que outras.

“Está tudo bem, meu amor”, foi o que ela me disse com tamanha dificuldade de andar, sem mais delongas foi arrumar as coisas, Arnaldo seu marido estava sentado em uma cadeira de balanço não fez questão de olhá-la, continuou lendo o jornal e fumando seu cigarro, aliás, tinha um cheiro tão forte e enjoativo que dava ânsia de vômito aos que estavam ao seu redor, quando ocorria de estar aborrecido apagava o cigarro no braço esquerdo de Júlia, sempre reforçando que quem mandava ali era ele.

Por volta dos seus 14 e 15 anos, a jovem começou a ver as coisas com outros olhos, seu pai não era afetuoso, tinha lá seus 45 anos, era alto, mal encarado. A garota tinha medo dele, pois começou a olhá-la diferente ao longo do tempo, fixava seus olhos em suas pernas, passava as mãos, ela ficava enjoada e com um grande horror.

Rodolfo Sebastian, vizinho há 15 anos da gentil jovem, nasceu perto de Júlia, mais especificamente ao lado de seu quarto, no hospital San Cler, sempre amigos, brincavam quando seu pai não estava em casa, já que sempre que pegava-os juntos batia na menina sem clemência, por diversas vezes foi dormir chorando e sem jantar, era uma das maneiras com que seu pai a castigava.

la todas as noites até uma escada que dava até sua janela, em uma dessas noites indo chamar Júlia para ver as estrelas, ambos eram extremamente apaixonados pelo céu e o jovem apaixonado pela moça, sempre tão educada, ali contavam seus sonhos, partilhavam segredos, ela sempre falava o que acontecia em casa, principalmente como seu pai maltratava sua mãe. Júlia chorava tanto por não poder fazer nada, sentia-se inútil. Vendo-a uma vez com os braços machucados, cortes profundos, suas pernas não estavam diferentes, perguntou o que era tudo aquilo, não houve resposta, apenas choro e lástima.

A última vez que a vi foi há cinco anos, a noite mais sombria de todas, uma parte dele ficou ali, ainda se pega com esmagadores pesadelos, sempre se culpando sentindo-se covarde, tudo o que aconteceu naquela noite o deixou amedrontado.

Como de costume foi a sua janela, mas deparou-se com uma cena triste que deixaria qualquer um assustado, sentiu o medo passando pelo seu corpo, uma vontade de vomitar um nojo de tudo ali. Avistou um homem alto, uma arma do lado, Júlia, sua amada, estava presa, sem roupa, com diversos machucados, tinha tanto sangue e euforia ali. A cada grito que a menina dava uma agressão diferente sentia, há foi uma noite dolorosa, seu próprio pai estava ali, abusou dela com selvageria, batia nela, fazia coisas horríveis, quando olhou para o lado estava sua mãe também presa, sem nenhuma veste, podendo apenas olhar e lastimar por ter casado com alguém tão perverso.

Arnaldo Benjamin, naquela noite de Fevereiro abusou de sua única filha e da sua mulher, fez coisas cruéis, logo após, sem um remorso nos olhos, matou as duas, bem de perto, sentindo o sangue respingar em seu rosto, sentou na cadeira ao lado, bebeu seu Bourbon, acendeu seu cigarro e deu um tiro em sua cabeça.

Rodolfo presenciou a cena mais cruel e desumana que poderia acontecer, não fez nada, mas o que poderia um jovem de 15 anos fazer? Observou tudo, morreu ali com Júlia.

CORPOS CELESTES

Por Matheus Nunes de Abreu

Sempre nua...

Com os pés tocando o tapete vermelho no chão.

Tua boca faz - se em um sorriso resplandecente, que ilumina esse quarto de sombras.

Caminha para mim, onde, à porta, estou a esperar.

Mas, antes que complete a ação, para, no exato lugar onde à luz - que entra pela porta entreaberta - encontra com piso duro.

Tua presença nesta luz límpida, mostra - me seu negro cabelo, que escorre solto até o pescoço.

Esses tempestuosos olhos refletem as mais belas luzes dos trópicos.

Para sempre, você poderia ficar assim, parada, à meia - luz, para apenas ser contemplada.

“Então, o que eu devo fazer?” - pergunta - me, com um sorriso curto de volúpia.

“Venha para mim” - respondo, esticando os meus braços para você.

Leve. Segura. Sedutora. Atende e segue até às minhas mãos.

De ínfimos passos, você caminha lentamente para mim, com esses pequeninos pés macios.

E suas mãos tocam as minhas.

Tocá-las, tão limpo, mas entendo que elas mostraram - me o sujo.

Na minha frente, está o esbelto corpo de uma mulher liberta.

Olhá-la, não deveria me afetar tanto. Porém afeta.

Não deveria buscar você.

Entretanto, estou aqui, na tua frente.

Farei isso - pensei.

Então, puxei lentamente, seu corpo para colar ao meu.

Logo depois, como duas cobras seus braços se enrolam em volta do meu pescoço.

O toque de sua pele na minha, me causa sensações que gostaria de ter com a outra.

“Agora, é você que comanda.” - digo, colocando as minhas mãos na sua cintura.

E com outro sorriso, beija - me com delicadeza.

Assim beija - me novamente, novamente e novamente.

Teus beijos.

Beijos doces, salgados, agridoces.

Apenas beijos.



Entretanto, para mim são pecados. Pecados milagrosos.

Dos teus lábios mornos, saem um suspiro terno,

E uma voz delicada, porém imperativa, diz:

“Vamos, siga - me, senhor!”

E com uma das mãos, segura a minha, guiando - me para seu panteão.

Sendo você minha guia, iria até o inferno - Falo para mim mesmo.

Então, com um movimento limpo deita-se na cama, e lança-me um olhar destemido.

E enquanto me envolve com as pernas na minha cintura, provoca - me:

“Venha, meu senhorzinho!!”

Se soubesse o quanto queria ser imune a teus prazeres, infelizmente, não existe vacina contra você.

Vou caminhando por suas pernas, com meus beijos sinceros, até que chego próximo da tua ilha.

Sei que não sou o primeiro náufrago a ficar preso nela, mas não me importo.

E quando olha para mim,

Tenho certeza de que está lendo meus pensamentos, pois liberta tais palavras em tom de desdém:

“Ainda bem que, Vossa Alteza, não se importa.”

“Nunca me importou, não seria hoje.” - digo, indo beber - lhe cáldo mel do ventre.

Antes, que consiga vislumbrar o paraíso, com pedidos de súplicas, faz - me parar.

Puxa - me, pelo colarinho, para cima do seu corpo.

E beija meu pescoço, prendendo - me entre suas pernas.

Deito - me, finalmente em você e em sua cama.

Entrego meu corpo, as suas vontades.

...

Cada singelo carinho, é uma jura terna.

E cada jura terna, caminhamos mais em direção ao lago de fogo.

Mas teus leitosos olhos refletem uma segurança que se mostra indelével.

Agora, somos corpos celestes, dançando em volta um do outro, neste universo que é este quarto.

Por trás da janela fechada, em algum lugar,

Os tolos estão comemorando a queda de mais uma monarquia,

Enquanto estou aqui

Neste palacete desfrutando o amor de uma rainha.

E suas súplicas silenciosas são o contraste dos gritos que vêm do mundo lá fora.

...

Quando acordo, sou apenas mais um traidor entre todos os outros que existem.

Porém, você continua sendo a mesma, que se deitou.

Teu amor será recompensado como sempre foi, com joias e dinheiro.

Enquanto serei recompensado, com mil infernos sobre mim.

Então, ainda deitado, olho pela fresta das janelas.

Por onde passam reluzentes raios solares, que se projetam em teu corpo coberto pelo lençol.

O amanhecer aqui é sempre tão libertador.

Agarro - me, em sua cama.

Tenho certeza que esse lugar, já é acostumado a aventureiros como eu.

Sento - me, e olho para você ainda despojada em sua cama.

Então inclino - me, próximo ao teu corpo.

“Meu deserto, está em todo lugar lá fora, e aqui dentro está o meu oásis” - digo no seu ouvido.

Sorri, mas sem abrir esses olhos escuros.

Logo, penso no que deve estar passando por essa cabeça.

Quero que seja isso:

Com uma voz delicada, lenta, abafada e trêmula, diz:

“ - Você, meu senhor, não ama a mim, mas os prazeres que meu corpo te proporcionam.”

Entretanto, você é doce, simples e amável.

E preguiçosamente, levanta as pálpebras como se fossem cortinas.

Lança sobre mim, aquele seu olhar que causaria um incêndio descontrolado, em qualquer lugar.

E sei qual é o significado desse olhar.

Significa que ela quer um beijo.

Assim, levo minha boca a teus lábios.

Beijamos lentamente.

Nosso último.

Tua boca, diz tantas coisas sem precisar emitir som.

...

Quando saio da cama, sinto que ali está ficando o meu coração.

Encarar você novamente em qualquer lugar que não seja aqui, será destruidor.

Apenas observa enquanto me visto, com a mesma face de sempre.

Em segundos, estou tal como cheguei.

Limpo e sujo, fiel e pecador, amado e em algumas horas quando achar o bilhete de despedida, odiado.

Então, com um sorriso libertador, você acena um até logo.

Mas para mim é um adeus.

...

“Simples, como a chuva no inverno, e o vento frio que toca a pele descoberta, nós poderíamos deixar esse amor voar.

Mas, a mesma simplicidade nos impede, minha messalina.”



Foto: Antônio David Diniz – Repórter fotográfico

ONDAS DE POESIA

VIVENDO

Marcos Paulo Cerutti

Meu coração vazio pede socorro
Mesmo que meus bolsos estejam cheios
Ele pulsa tão fraco
O sol se levanta e eu também
Não por minha vontade
É a dela, dele e daquele
Vivo não para mim
Vivo por aquele e aquela
Aqueles que não desejo decepcionar

Aquelas que não quero fazer chorar
Apenas vivo como uma planta
Viva apenas para a apreciação alheia
O chocolate não é mais doce
O sorvete não é mais gelado
A verdade é que eles são como são
Eu que não sou mais o mesmo
A cada dia perdendo uma folha de vitalidade
Até sobrar apenas galhos de dor.

O MUNDO ROBÓTICO

Alessandro Pereira Camargo Júnior

O tempo passa tão rápido em milissegundo
O bem não sabe o mal que faz quando falta no mundo
A vida é fria. O ser humano também
E nesse mundo ninguém se importa com ninguém

Todos lutam para mostrar o seu valor
E no final romper qualquer limitador
Pessoas sem sentimento em meio a esse mundo caótico
Tudo isso acontecendo e ficamos mais distante do próximo.

ESPERTEZA DE CRIANÇA

Alessandro Pereira Camargo

Minha infância querida
Que o tempo não traz mais
Tempo em que tomava o bico
Da irmã que amo demais
Para tomar o seu bico
Lhe inventava uma estória
de que quando crescesse
levava ela embora
levava pra muito longe
num caminhão bem grandão
mas de vez em quando
ela chorava e tomava o bico da mão
Lhe dizia então que não iria mais a levar
e ela pobrezinha o bico tornava a me dar.

FERIDA

Thallison Assunção

O amor machuca.
Não todos,
Mas o que recebi, doeu.
O amor mente,
Engana,
Ilude.
O amor não é bom,
É doloroso.
O amor foi para mim como uma faca
recém afiada.
Outros amores podem ser bons,
Mas não este.
Este trucidou a minha carne,
Quebrou os meus ossos,
Arrancou o meu coração,
Destruíu a minha alma.
Acho que o amor não é para mim.
Tenho inveja de quem ama bem.
Porque o amor que tive
Sempre foi dor.

UNIRG

Alaenny Pires

Universitários e seus futuros distintos
Ninguém imagina do que eles são capazes para agarrar um diploma
Antes de ingressar, se viam incapazes
Depois de explorar se veem os melhores profissionais
Não só a ótica, se tornam brilhantes idôneos
São anos de esforço, que será depositado a um grande futuro
Não se arrependem das lágrimas derramadas ou suores escorrendo sobre um rosto cansado
denunciando uma grande batalha, pois se moldaram para a verdadeira prática
Mentes que se transformaram, e outros que vão transformar outras mentes.
Houve deslizes durante a trajetória, mas o corpo reflete o que a alma resplandece
Ao final, tudo e todos serão levados para o restante de seus caminhos. Não é só a profissão,
também inclui o caráter e ampla dedicação.

TE CONHECER

Jaqueline Oliveira

A cada amanhecer lembro-me de você,
Lembro quando nossos olhares se cruzaram,
Lembro do seu sorriso
espalhafatoso e sincero,
Lembro quando segurei sua mão
e que sensação,
Lembro que nosso pra sempre
é muito tempo pra ficar longe,
e que esse pra sempre
é muito pouco tempo pra te esperar.
Então lembro-me de agradecer
por você alegrar meu dias
e fazer tão bem ao meu coração.



ESTOU... SEM ESTAR

(Milena Castro Milhomem)

Estou a pensar,
O que vou escrever
Há tantas...
E ao mesmo tempo
Nada.

Estou a pensar,
O que vou falar
Na mente um turbilhão
Mas na boca
Não...

Estou a pensar,
Em como me expressar
O que escrever, falar, expor
Porém,
Estou a falhar...

CONFLITO

Brunno de Sousa e Silva

Vivo em conflito
À procura do que em mim é verdadeiro
Quando me pego pensando nisso
Imagino estilhaços de um espelho
Refletindo em diferentes ângulos
A imagem daquilo que sou
e daquilo que deixei de ser

A parte poeta
A parte escritor
A parte sonhadora
E a parte que está cansada de si mesma
E que só quer viver em paz
Se deixando existir.

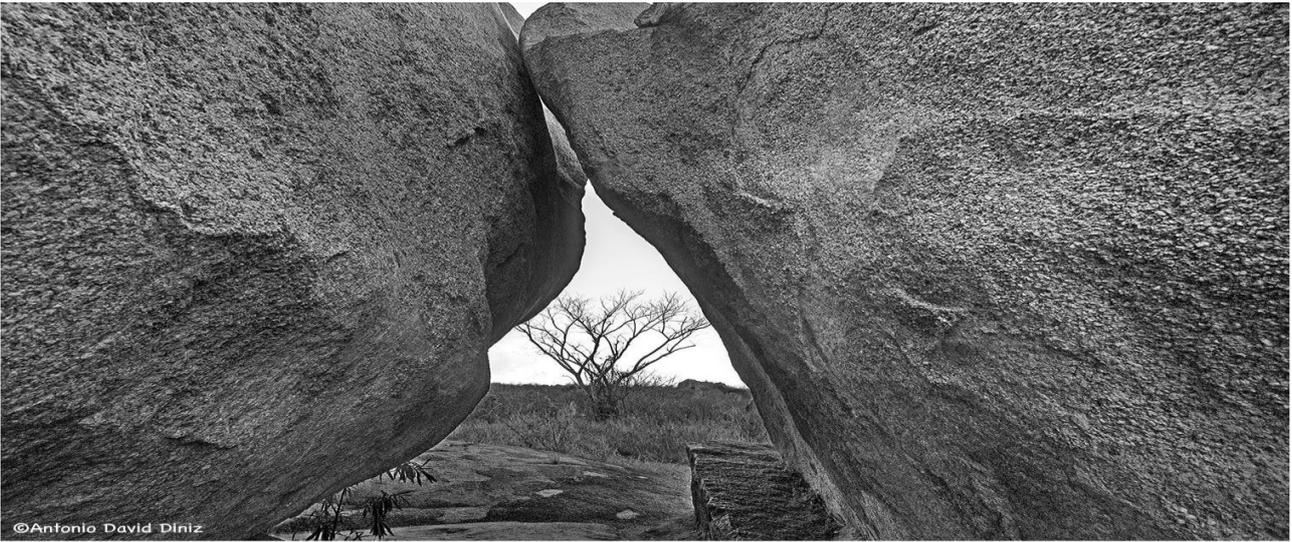


Foto: Antônio David Diniz – Repórter fotográfico

FOI POESIA, FOI CANÇÃO

Victória Reginna Soares

Você chegou e logo se foi
 Você foi poesia, foi canção
 Você foi um livro
 No final ninguém soube te entender

Chegou como um milagre
 Foi deixando dor, confusão, desespero
 Ninguém viu
 Ninguém sentiu
 Ninguém entendeu
 Só se sabe que você se foi
 Deixando confusão

O mar que era calmo, hoje é agitado
 A música que trazia paz, hoje traz dor
 O mais belo livro, hoje não se entende nem o título

Ninguém viu
 Ninguém sentiu
 Ninguém entendeu
 Só se sabe que você se foi
 Deixando confusão

MULHERES DESGRAÇADAS

(Elane Aparecida Milhomem)

Desgraçada é aquela que aguentou a fome,
o sol escaldante e a sede.
Vitimada pela seca ao lado de seus filhos
que sequer tinham um nome.
Quando chegava a noite dormiam todos no chão,
pois não tinham nem uma rede.
Carregava seu destino cruel,
coberta apenas pela imensidão do azul do céu.

Mulher desgraçada, violentamente espancada
Vítima da brutalidade, da frustração familiar
não consegue se casar e aos poucos enlouquece.
A sua vida tristonha, sem sonhos se desfalece.

Desgraçada essa mulher com três filhos para criar,
e que tem como companheiro um diário.
A necessidade de procurar comida,
a fome vem e não importa o horário;
Uma mulher negra, favelada, sem trabalho,
invisível aos olhos da sociedade.
Catar material reciclável era a solução,
juntando centavos para comprar um misero pão.

BRASIL

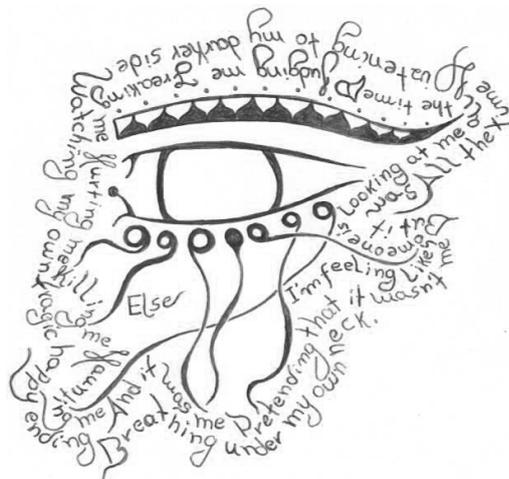
Felipe Oliveira Neves

Um país que nem na catástrofe consegue união
 Povo sem pensamento coletivo
 É realmente uma lástima de nação
 Cada qual com o seu objetivo
 Políticos e STF comandando a corrupção
 Com uns poucos honestos derradeiros
 Cada qual agindo como uma facção
 Sacrificando o povo como um cordeiro
 Homens e bestas a se deleitar
 A esse espetáculo a assistir
 Se deixando roubar
 E a sua quadrilha a aplaudir
 Pobre nação despudorada
 De filhos de Mãe gentil
 Nasceu para ser roubada
 És tu pobre Brasil

ELSE

Odair de Carvalho Rodrigues Araujo

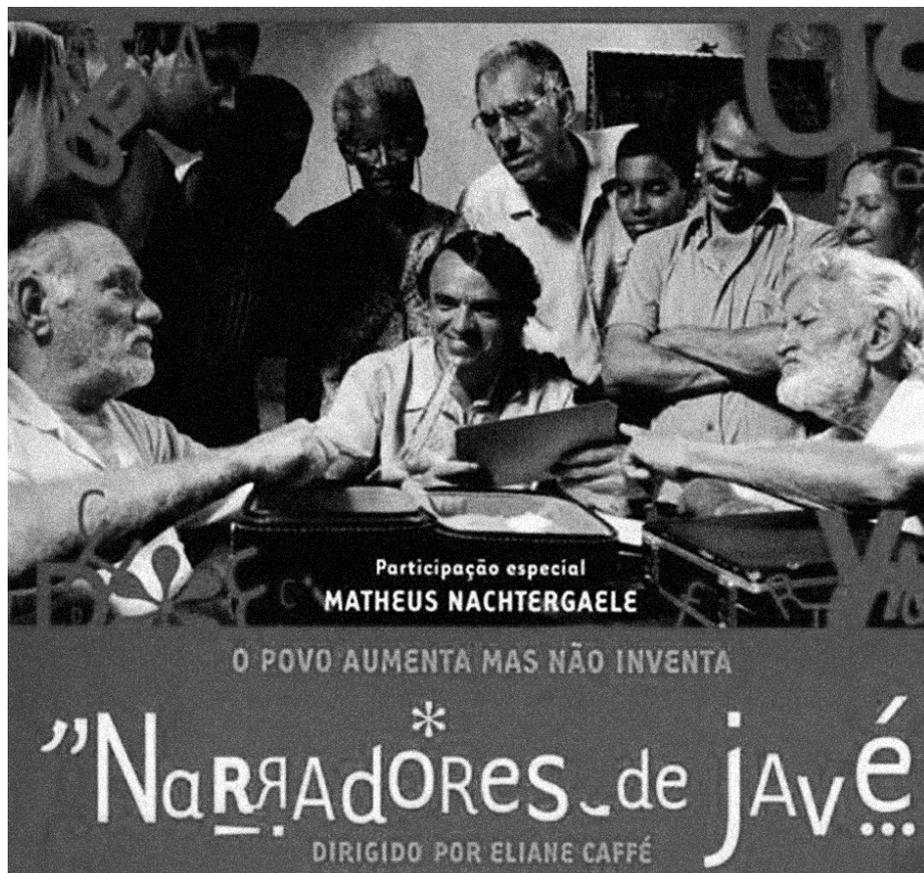
I'm feeling like someone is looking at me
 all the time
 Judging me
 Freaking me
 Hurting me
 Killing me
 Haunting me
 And it was me
 Pretending that it wasn't me
 But it was
 All the time
 Listening to my darker side
 Watching my own tragic happy ending
 Breathing under my own neck.



TEORIA LITERÁRIA

NARRADORES DE JAVÉ

“Uma coisa é o fato acontecido, outra é o fato escrito”



O filme, *Narradores de Javé*, dirigido por Eliane Caffé, traz em sua narrativa uma diversidade de temas que se contrapõem entre os fatos reais e ficcionais. Esses fatos fazem alusão à leitura, à escrita, à oralidade, à ficção X veracidade, à cultura entre outros temas.

Javé é uma comunidade (fictícia)

rústica, inculta, que se encontra ameaçada de ser submersa pelas águas, em detrimento da construção de uma hidrelétrica. Para salvar Javé da submersão, os moradores desse pequeno povoado decidem registrar os “grandes feitos históricos” ocorridos no lugarejo, desde a sua fundação, na tentativa de

mostrar a sua relevância como patrimônio histórico a ser preservado. No entanto, seus moradores não têm o domínio da escrita e precisam da ajuda de Antônio Biá (José Dumont), a única pessoa alfabetizada na região. Desse modo, Biá é designado a ser o “historiador” de Javé, cabendo a ele resgatar a história e redigir de modo científico, os relatos extraídos das memórias dos habitantes do lugar.

Neste sentido, Antônio Biá seria o historiador de uma “memória coletiva” que, de acordo com Maurice Halbwachs (2004) está relacionada a um grupo de pessoas, limitado no espaço e no tempo. No espaço porque são memórias existentes em um lugar específico; no tempo porque é a representação do passado e o sentimento de pertencimento e identidade adquiridos pelos indivíduos do grupo. Assim, há muitas memórias coletivas que são constituídas por memórias históricas, as quais, segundo Halbwachs, estão relacionadas a fatos, à cronologia e à existência de uma só história. Os moradores de Javé narram uma mesma história, porém com enfoques diferentes de acordo com os interesses de cada narrador.

O livro que deveria ser escrito por Antônio Biá deveria ter um caráter “científico” para que fosse reconhecida a importância histórica de Javé. No entanto, as recolhas feitas por Biá, são histórias orais, narradas pelos moradores sem comprovação científica, ou qualquer outro registro que comprove a veracidade das mesmas. Dessa forma, considera-se que não há um patrimônio (re)conhecido para ser preservado em Javé.

Laplantine (1994, p.22) afirma que “aquilo que os seres humanos têm em comum é a sua capacidade para se diferenciar uns dos outros, para elaborar costumes, línguas, modos de conhecimento, instituições, jogos profundamente diversos”, assim, a cultura é o conjunto de comportamentos, adquirida por meio do processo de aprendizagem e repassada aos demais membros da sociedade.

Como já foi dito, a história e a cultura do povoado eram difundidas por meio da tradição oral, reproduzidas de geração em geração, sem registros documentais. Sabe-se que a identidade de um povo está na sua cultura. Javé, mesmo sem registros documentais, apresentava a cultura popular, regida pela oralidade e religiosidade. Nessa cultura, incluem-se os mitos, os ritos e as crenças, que aparecem na trama pela fala e ações dos moradores.

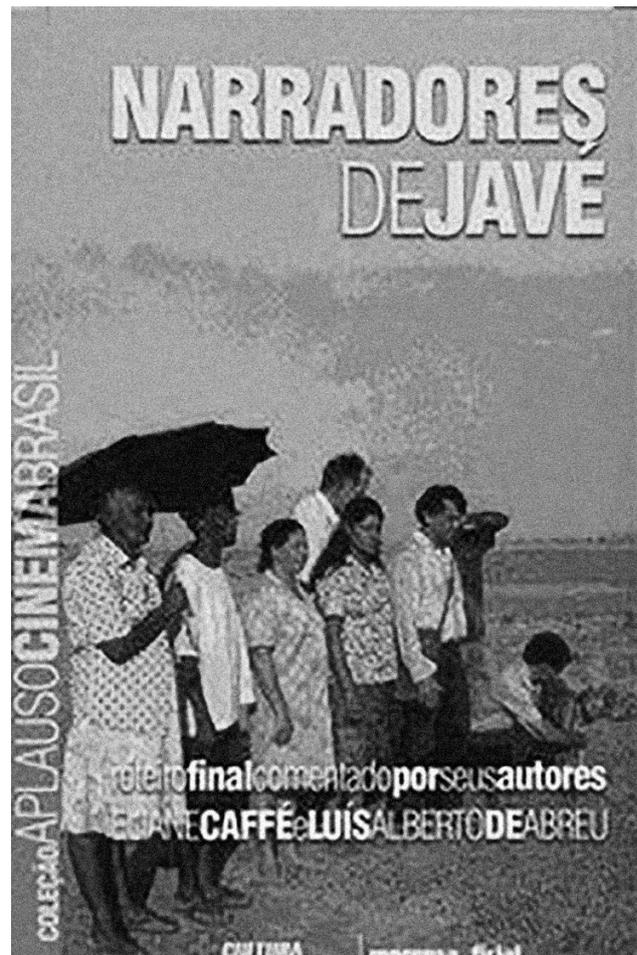
No mesmo sentido, Tylor também afirma que a cultura é o “complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outros hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Tylor apud Laraia 2005, p. 25). Em Javé, a cultura se apresenta no comportamento da sociedade e na linguagem dos personagens.

Algumas situações no filme deixam claro como a oralidade é um fator de perpetuação da cultura, como podemos ver na passagem em que o personagem Antônio Biá, após contar a façanha da captura de um boi, sendo questionado por um morador de Javé, faz a seguinte afirmação: “Uma coisa é o fato acontecido,

outra coisa é o fato escrito. O acontecido tem que ser melhorado no escrito de forma melhor para que o povo creia no acontecido.” Assim, pode-se entender que a memória precisa ser estimulada, para que esteja sempre ativa, e isso só é possível através de registros, que permitem a continuidade de saberes. Os relatos das pessoas são indícios de um saber que vai além. Já a escrita mantém a comunicação através das fragmentações do tempo, servindo de ponte que permite ao sujeito ir e vir na história para além do espaço físico/geográfico.

A metodologia utilizada por Antônio Biá para resgatar a história e os valores culturais de Javé, foi por meio de entrevistas, que além de valorizar o discurso do protagonista, enaltece a análise qualitativa evidencia as memórias históricas dos sujeitos como atores da sua própria identidade. Considerando que a memória está conectada a elementos culturais, de tradição, aprendizagem e poder, pois nela estão guardadas as informações das experiências vivenciadas pelo indivíduo e que se constituem em um conceptáculo de lembranças, que permite o estabelecimento de reflexões sobre as mesmas. Considera-se, ainda, que ao entrevistar os habitantes de Javé, Biá faz um mergulho nas relações humanas, através da oralidade, em torno dos fatos sucedidos e das percepções apreendidas nas memórias, buscando as representações do imaginário que se refletem nas narrativas dos moradores do povoado.

Ressalte-se que as diferentes versões, apresentadas pelos moradores de Javé,



estavam ligadas às suas memórias afetivas, às suas crenças ou desejos, enfatizando, assim, os conflitos de identidades exaltados nas narrativas, de forma cômica.

Em Javé, a oralidade é vinculada aos sujeitos e se interpõe pela linguagem que constrói as narrativas, está intrinsecamente associada à memória que é uma ocorrência nos sujeitos. Assim sendo, as narrativas servem como elos de informações que ligam acontecimentos passados aos fatos do presente. Halbwachs (2004) diz que as narrativas desvendam a sociedade

por percepções de grupos que revelam conhecimentos sobre fatos do passado, estabelecendo relações entre o geral e o particular de uma localidade, enfatizando que os indivíduos agregam as memórias históricas nas memórias individuais e coletivas, formando simbologias que criam as identidades.

Ainda, segundo Halbwachs, a memória não é uma repetição do passado, mas o resgate dos acontecimentos e vivências de tempos passados nas experiências de interesses atuais, desta maneira, retomam as relações sociais que são construídas a partir de um elemento comum, como é a questão da sobrevivência para os moradores de Javé. Neste sentido, a cultura é um processo acumulativo, decorrente de toda a vivência histórica das gerações antecedentes. Este processo limita ou estimula a ação criativa do homem, pois, “a manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções.” (Laraia 2005, p. 45). Neste aspecto, é relevante ressaltar que, no meio das inovações

culturais, a comunicação também é parte do processo cultural.

Não foi fácil para Antônio Biá registrar a história de Javé a partir das várias versões narradas pelos moradores, narrativas fragmentadas de vários fragmentos e de memórias contraditórias, que possibilitaram o registro de uma história oficial. Assim sendo, a destruição de Javé foi inevitável.

Então, sobre as histórias de Javé, Antônio Biá chegou à conclusão de que o “melhor é ficarem na boca do povo, porque no papel não há mão que lhes dê razão”.

Ao leitor fica a seguinte lição: para conhecer um povo é preciso conhecer mais do que sua história, é preciso desvendar seus saberes, penetrar em seu íntimo e conhecer seus valores, é imprescindível compreender a sua cultura como elemento que emerge de sua alma. Considerando, também, que a cultura é uma ação libertadora do espírito, praticada por uma coletividade, mas uma ação que se difere das outras pelo seu caráter de envolver, aproximar, estimular artisticamente os indivíduos.

OLIVEIRA, Maria Wellitania de – Professora do curso de Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.

Referências:

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 11 Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.

CAFFÉ, Eliane; ABREU, Luís Alberto de. Narradores de Javé. São Paulo: Editora Imprensa Oficial (IMESP), 2004.

ISBN: 9788570602848, 176p.

CAFFÉ, E. Narradores de Javé. Bananeira Filmes, 2003.

ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO

Por Rafaelly Pimentel Ribeiro Lima

Nesta coluna da revista, você conhecerá a trajetória profissional do professor mestrando Alexandre Peixoto Silva.

O professor Alexandre atua como docente na Universidade de Gurupi – UnirG, desenvolvendo atividades voltadas para a área de Língua Portuguesa. É graduado em Letras – Português, Inglês pela Universidade de Uberaba – UNIUBE. Após sua graduação, atuou como professor na Rede Pública e Particular em Uberaba- MG nos anos de 1999 a 2002. Fez especialização em Processo do Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa, pela Faculdade de Educação São Luís. Nos

anos de 2006 a 2008 foi coordenador de estágio e de 2010 a 2014, coordenador do curso de Letras, na UnirG. Atualmente, está vinculado ao Programa de Mestrado em Letras – com ênfase em Linguística, pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Porto Nacional. Sua pesquisa de mestrado é na área de Linguística Aplicada. Atua em temas vinculados à área de concentração Formação de Professores de Língua Portuguesa, Linguística e ministra aulas de Língua Portuguesa em diversos cursos da Instituição. A seguir, o leitor acompanhará a autobiografia escrita pelo docente.

ALEXANDRE PEIXOTO SILVA



*É necessário sair da ilha para ver a ilha
(José Saramago)*

Nesta seção autobiográfica, irei relatar um pouco da minha história e os motivos que me levaram à docência. Nasci na cidade de Uberaba, interior de Minas Gerais, que é considerada um dos polos de desenvolvimento da região do Triângulo Mineiro. Uma cidade grande, cuja população gira em torno de 360.000 habitantes. Libriano, que veio ao mundo no dia 4 de outubro de 1974, filho de Moacir Pereira da Silva, então repórter fotográfico e de Maria Aparecida Peixoto Silva, do lar. Tenho uma irmã (dois anos mais velha que eu) e um irmão (mais novo) falecido em 2014 em decorrência de problemas cardíacos.

Ao contrário do que muitos pensam, a vida na cidade grande não é nada fácil. Ao mesmo tempo em que há muitas oportunidades, há a distância entre sua casa e a escola ou ao local

de trabalho; sem contar que não há a mesma tranquilidade que em cidades pequenas devido à violência, à desigualdade social dentre outros.

Iniciei meus estudos no Colégio Marista Diocesano onde cursei o pré-escolar e ainda nessa fase de ensino fui alfabetizado. No início dos anos 80, a crise financeira assola o Brasil além das inúmeras censuras sofridas pela imprensa devido à ditadura militar. Como meu pai era repórter fotográfico, vinculado ao maior jornal impresso da cidade, a demanda de trabalho diminuiu drasticamente.

Devido a esses fatores, no primeiro ano da minha educação básica, meus pais foram obrigados a me matricular em uma escola da rede pública de ensino. Desde aquela época, nestas instituições, a alfabetização não se completava no pré-escolar, mas sim no decorrer das séries iniciais do ensino fundamental, como ocorre até hoje. Como já era alfabetizado, senti uma diferença muito grande ao fazer parte de uma turma que ainda estava em processo de alfabetização. Nesse imbróglio todo, devido ao meu adiantamento escolar em relação aos demais, sempre era aluno destaque na minha turma e acredito que foi daí que surgiu meu interesse pela área da educação.

Assim, toda minha formação básica foi cursada em escola pública. Comecei a trabalhar desde cedo sempre incentivado por meus pais. Vendia geladinho, fazia pequenas entregas para uma mercearia que havia perto de casa e para o meu pai fazia pequenas cobranças e entregava as fotografias - de aniversários, batizados, casamentos - que ele tirava por encomenda. Tive meu primeiro emprego com carteira assinada aos 14 anos de idade e desde então nunca fiquei um ano sequer na ociosidade.

Durante o ensino médio, estava preocupado

com o vestibular e principalmente em definir qual curso pretendia seguir. Minha irmã já estava na universidade e por presenciar parte de sua vivência inicial acadêmica fui induzido (ou iludido) a prestar vestibular para o mesmo curso que ela estava cursando: Engenharia Elétrica. Era um curso novo, na época com várias oportunidades no mercado de trabalho regional, cujos parcos profissionais eram altamente remunerados.

Devido à grande concorrência no processo vestibular e por ser egresso da rede pública de ensino eu acreditava que não conseguiria ser aprovado, pois a maioria dos alunos que concluía o ensino médio fazia cursos preparatórios para o processo seletivo do vestibular de Engenharia. E qual foi a minha surpresa? Fui aprovado no primeiro vestibular que prestei. Desse modo, ingressei no Curso de Engenharia Elétrica da Universidade de Uberaba, no ano de 1993.

Situação difícil, pois trabalhava o dia todo, chegava em casa tomava um banho e tinha que pegar dois ônibus para chegar até a universidade. Terminava a aula às 23h, e novamente outros dois ônibus para chegar em casa.

Mas nada é tão complicado que não possa piorar. Em consonância a isso, fui convocado pelo Exército Brasileiro para cumprir o serviço militar obrigatório. Minha vida tornou-se um turbilhão de obrigações: exército, emprego e faculdade. Tudo isso ao mesmo tempo. Pensei que não conseguiria cumprir com tantas obrigações no decorrer das limitadas 24 horas do dia. Sendo assim, durante o ano de 1993, fui atirador do exército e ao cumprir o tempo mínimo de serviço militar obrigatório, solicitei minha baixa da corporação. Apesar de ter sido um período penoso, sou grato por ter servido

à pátria. Lá pude moldar meu caráter, minha hombridade, minha civilidade e resgatar os valores de cidadania e de honradez.

Mesmo com uma obrigação a menos, no início do segundo ano do curso de engenharia já não me sentia tão motivado a continuar com os estudos. Como o período na universidade era anual e não semestral, esperei o término do ano para solicitar trancamento do curso de Engenharia Elétrica. Mesmo trancando o curso, não queria ficar sem estudar. Foi um período difícil e de grandes incógnitas. Por um lado não queria desapontar meus pais que acreditavam no meu potencial e por outro lado, não me enxergava como engenheiro e se o fosse, seria frustrado profissionalmente.

Combinado ao bom desempenho escolar que sempre tive, foi aí que decidi colocar-me do outro lado da moeda, deixando de ser aluno e tornar-me um professor. Então decidi cursar Letras! Em meados da década de 90, o curso de Letras era muito concorrido. Pensei bastante e, sem consultar meus pais, prestei vestibular para Letras e também fui aprovado. Apesar do susto inicial que eles levaram sempre tive apoio e incentivo deles nos meus estudos. Assim, depois dos quatro anos do curso, me formei em Licenciatura Plena em Letras Português/ Inglês e suas respectivas Literaturas pela Universidade de Uberaba.

Ainda enquanto acadêmico, comecei a trabalhar como contrato em uma escola do estado, devido à vasta necessidade de professores no mercado de trabalho. Concluí o Curso de Letras no final do ano de 1999 e fui aprovado no concurso docente do Estado de Minas Gerais no início do ano 2000. Concomitante a minha jornada profissional na rede pública de ensino, comecei também a ministrar aulas em uma escola particular

tradicional da cidade (Colégio Uberaba). No início do ano de 2001, como ainda tinha algum horário vago, trabalhava também em um cursinho pré-vestibular. E foi nessa época que consegui minha independência financeira. No final do ano de 2001 me tornei especialista no Processo de Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa, pela Universidade São Luís.

Em julho de 2002, no meu período de férias, resolvi visitar um primo e meu cunhado que haviam se mudado temporariamente para Gurupi em decorrência de obrigações profissionais. No transcurso das férias, eles me informaram que na cidade havia uma faculdade e que esta faculdade estava em constante processo de expansão, se consolidando como um polo educacional no sul do estado do Tocantins.

Sem nenhuma perspectiva, imprimi um currículo e fui até a faculdade, então Fafich. Como não conhecia ninguém, passei por diversos departamentos até que me conduziram para a coordenação do Curso de Letras. Na coordenação fui recebido pela Prof. Marcilene, na época coordenadora do curso de Letras e pelo Prof. Plínio, coordenador de estágio.

Assim que entreguei meu currículo, a Prof. Marcilene me informou que haveria banca para contratação de professor de Língua Portuguesa e perguntou se eu não queria participar. Aceitei o convite e dois dias depois estava participando do processo de seleção simplificada ao qual fui aprovado.

O maior susto que eu tive foi quando a Prof. Marcilene entrou em contato comigo e me convocou para, no prazo de uma semana, me apresentar com toda documentação para contratação e assumir a cadeira docente. Nesse momento tive uma insegurança muito grande por dois motivos: 1º já estava estabilizado

profissionalmente e ganhando razoavelmente bem com os empregos que tinha na minha cidade natal e me vendo na obrigação de abrir mão de tudo isso; 2º a minha inexperiência docente em assumir aulas no ensino superior, longe de casa e dos meus familiares, contudo com uma grande oportunidade de iniciar a carreira docente em nível universitário.

Foi a noite mais longa que já tive até hoje. A minha decisão vocês já sabem... Voltei a Minas e solicitei meu desligamento dos locais onde trabalhava e mudei de vez para Gurupi. Não posso deixar de estender meus agradecimentos à Prof. Marcilene que me acolheu no começo da minha carreira e que concedeu essa oportunidade única a mim. Sob o regime de contrato temporário, sem estabilidade no emprego desde 2002, em 2006 obtive aprovação no concurso público para professor de Língua Portuguesa. Foi a partir do concurso público, com a estabilidade que o mesmo oferecia que tive a certeza de que Gurupi seria a minha nova cidade, a minha morada definitiva.

A partir do meu ingresso no ensino superior tive a oportunidade de atuar em diversos setores da academia e de exercer cargos distintos de

gestão. Fui coordenador de Estágio do Curso de Letras entre os anos de 2006 e 2008 e coordenador de Curso entre 2010 e 2014.

Em 2008, optei pelo regime de dedicação exclusiva na UnirG, a partir de então direciono todas as minhas atividades profissionais unicamente à instituição, contribuindo em diversos setores institucionais na parte administrativa e pedagógica da universidade.

Em setembro de 2018, fui aprovado na seleção de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Tocantins – Campus Porto Nacional, estando prestes à defesa da pesquisa que foi desenvolvida no Curso de Letras na área de escrita acadêmica de discentes ingressantes.

A 1200 km da minha terra natal ou de qualquer familiar próximo, considero a instituição como minha segunda casa e os professores e alunos como minha segunda família. Sinto-me feliz e realizado pelos amigos que aqui conquistei, pela profissão que escolhi e pelas decisões que tomei.

Por toda a minha trajetória aqui relatada, deixo uma dica aos leitores: não tenham medo das suas escolhas. Água represada não vai a lugar algum. Sejam ousados! Paraphraseando José Saramago: “É preciso sair da ilha para ver a ilha”.



AGL EM FOCO: ENTREVISTA

O UNIVERSO LITERÁRIO DE ZACARIAS MARTINS



Por Ana Marina Mariano e Louygrime Soares dos Reis

Ele é poeta, cronista, conferencista e ativista cultural. É também jornalista profissional, formado pela Universidade de Gurupi - UnirG, e membro da Academia Gurupiense de Letras (AGL). O nosso entrevistado, Zacarias Martins, fala um pouco da sua trajetória literária.

Zacarias Martins tem publicado seis livros individuais de poesias: **Transas do Coração** (1978), **O Poeta de Belém** (1979), **Poetar** (1980), **O Profeta da Felicidade** (1984), **Vox Versus** (1986), todos, edição do autor, além de **Pinga-Fogo**, que teve a primeira edição em 2004 e já se encontra na sua terceira edição pela Editora Veloso. Também por essa editora, em 2008, publicou o seu primeiro livro de crônicas, **Histórias da História de Gurupi**. Participa, ainda, com trabalhos em mais de 50 antologias literárias pelo Brasil afora e é citado em várias obras de referência, como enciclopédias, dicionários bibliográficos e trabalhos científicos no campo da linguística.

É verbete na **Enciclopédia de Literatura Brasileira**, coordenada por Afrânio Coutinho e publicada pelo MEC, em 1984, em dois volumes, já se encontrando em várias edições ampliadas e atualizadas.

CONFIRAM A ENTREVISTA:

Ressaca Literária: Como e quando surgiu o seu interesse por escrever textos literários?

Zacarias: *Tudo começou na minha pré-adolescência, quando, incentivado por uma professora, comecei a me enveredar pelo hábito da leitura, inicialmente. Lendo revistas em quadrinhos. Depois, passei para os livros. Daí para a produção textual foi um passo rápido. Não tinha dificuldade de criar redações e poesias..*

Ressaca Literária: Quais são seus gêneros literários favoritos?

Zacarias: *A poesia e a crônica são os dois gêneros literários com os quais mais me identifico. Houve uma época em que eu produzia mais poesia. Hoje, entretanto, estou numa fase de produzir mais crônicas.*

Ressaca Literária: Como foi a sua participação no processo de criação das Academias Gurupiense e Tocantinense de Letras?

Zacarias: *Em ambas as entidades eu tive participação ativa na criação e fundação, tendo participado, ainda, de várias diretorias. Na Academia Gurupiense de Letras, especificamente, fui o responsável pela criação dos estatutos.*

Ressaca Literária: Como tem sido a sua atuação nessas academias?

Zacarias: *Essas academias têm contribuição importante no fomento tanto da produção literária e apoio aos novos escritores, quanto no incentivo à leitura junto à comunidade estudantil.*

Ressaca Literária: Como você desenvolve seu projeto de literatura nas escolas?

Zacarias: *Gosto de trabalhar com temáticas específicas, de acordo com a ocasião, colocando em prática atividades de forma lúdica, que me permitam quebrar a rotina escolar para despertar ainda mais o interesse dos alunos, porém, tudo dentro do Projeto Político-Pedagógico .*

Ressaca Literária: De que outros projetos você participa?

Zacarias: *Além das minhas costumeiras rodas de leitura que desenvolvo em várias cidades do Tocantins, tem ainda, meus recitais de poesias e minhas palestras motivacionais com foco no incentivo à leitura e à produção textual.*

Ressaca Literária: De onde vem a inspiração para suas obras literárias?

Zacarias: *Vem do meu dia-a-dia, de alguma palavra ou frase que eu ouço, ou de um fato que eu presencio. Vez por outra, me inspira em alguma obra literária que eu li. Não forço nada. Deixo a minha inspiração simplesmente fluir.*

Ressaca Literária: Quais as principais temáticas que você aborda em seus textos literários?

Zacarias: *Vivi várias fases de produção literária. Comecei fazendo poesias, inspirado em Castro Alves, J.G. de Araújo Jorge, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles e Mário Quintana, dentre outros. As primeiras produções tinham por temática o amor,*

o romantismo. Com o passar do tempo e o amadurecimento, me enveredei para a temática da Natureza, de protesto e até, com viés político até chegar na temática humorística, com que eu tanto me identifico até os dias de hoje.

Ressaca Literária: Por que decidiu produzir e dirigir o documentário “Palmares - O cantador de Cordel”?

Zacarias: *Como escritor veterano, busco sempre auxiliar os autores em início de carreira, e com o Palmares não foi diferente. Conheci-o tão logo ele se mudou para Gurupi. Mostrou um caderno com suas poesias e letras de música que alguém escrevera para ele, já que até então, ele não sabia ler e nem escrever. Com o passar do tempo, ele cursou a EJA (Educação de Jovens e Adultos). Posteriormente, estudou na UMA – Universidade da Maturidade, e começou a escrever sozinho, sem ajuda de ninguém. Então quis prestar-lhe uma homenagem produzindo esse documentário sobre a vida dele e as principais conquistas aqui em Gurupi.*

Ressaca Literária: O senhor esperava ser homenageado com o título de Cidadão Tocantinense?

Zacarias: *Foi uma agradável surpresa. Um reconhecimento público à nossa contribuição ao setor cultural tocantinense. A iniciativa partiu da então deputada estadual Josi Nunes e foi aprovada por unanimidade pela Assembleia Legislativa do Tocantins*

Ressaca Literária: De onde veio a ideia do livro “Histórias da História de Gurupi”? Como foi o processo de criação dessa obra?



Zacarias: *O livro reúne várias crônicas que foram publicadas na coluna “Pinga-Fogo”, que eu assinava no Jornal Cocktail, todas, com temática sobre a nossa Capital da Amizade. Incentivado por amigos/leitores, fiz uma seleção dos textos publicados e produzi o livro que foi editado pela Editora Veloso, de Gurupi, e que se encontra na sua terceira edição. Outra grata surpresa é que a obra foi adotada por duas vezes para o exame vestibular da Universidade de Gurupi.*

Ressaca Literária: Como foi a elaboração da crônica “Cadê a bomba?”

Zacarias: *Apesar do texto hilário, o fato*

aconteceu de verdade e eu presenciei algumas cenas. Após a publicação da crônica em minha coluna, muita gente me procurou para me dar novos detalhes sobre o ocorrido. Ao publicar a crônica no livro, aproveitei, então, para acrescentar esses novos detalhes. O engraçado é que nos dias atuais, algumas pessoas ficam em dúvida se o caso aconteceu realmente.

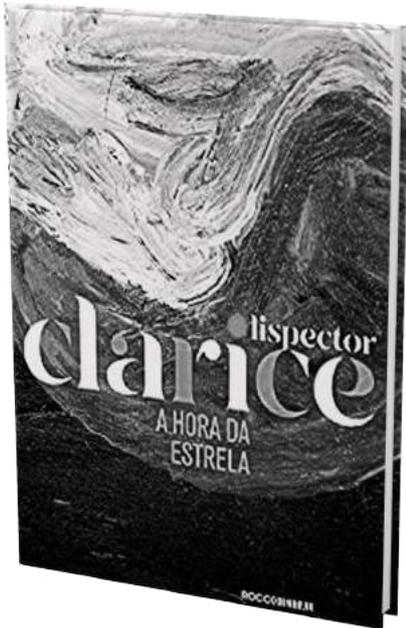
Ressaca Literária: Que conselho você daria a um jovem amante da literatura?

Zacarias: *Que leia, mas leia muito. É preciso que se busque a forma prazerosa da leitura para que se possa ampliar os horizontes do conhecimento. Sei que isso não é uma tarefa fácil neste momento globalizado em que vivemos, com muita tecnologia disponível e que, muitas vezes, contribui para o analfabetismo funcional. Daí a importância de se ler livros, bons livros. Não há como negar que hoje em dia vivemos na era da informação.*

Praticamente qualquer coisa que queremos ou precisamos saber está ao nosso alcance com poucos cliques. Claro que isso é maravilhoso se considerarmos pelo lado da difusão do conhecimento e acesso à informação. É fantástico que possamos aprender infinitas coisas, tirar dúvidas, encontrar ensinamentos com tanta facilidade. Porém, há que se pensar também por outro ponto de vista. Muitos de nós sofrem com o excesso de informação. A quantidade absurda de conteúdo produzida e disponibilizada atualmente e que chega até a nós tão facilmente pela tela de um computador ou celular tem causado um fenômeno que recebeu o nome de sobrecarga de informação. Não defendo simplesmente que as pessoas se privem dessas tecnologias que tanto facilitam nossas vidas, mas que não descartem o bom e salutar hábito da leitura, se possível, utilizando-se de livros físicos, como antigamente. Vale a pena. Eu garanto!



MARULHOS LITERÁRIOS



A obra: *A hora da estrela* é uma obra de perfil único e original, conciliando habilmente a inovação estilística com os problemas sociais vividos por aqueles que, como a desventurada Macabéa, são obrigados a abandonar o Nordeste natal em busca de melhores condições de vida em outras paragens, nem sempre hospitaleiras. A obra é narrada pelo escritor Rodrigo S.M., criado por Clarice para contar a história de Macabéa, uma moça nordestina de Alagoas, que se muda para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor.

A autora: Clarice Lispector dispensa apresentação, já foi consagrada, há muito, como uma das melhores escritoras de língua portuguesa de todos os tempos. Ucrâniana de origem e brasileira de coração, mudou-se para o Brasil aos dois anos de idade e alguns anos depois passou a ser uma das escritoras mais lidas do país. O romance *A Hora da Estrela* foi publicado no ano de falecimento da autora, em 1977.



A obra: *Júbilo, memória, noviciado da paixão* se tornou uma das obras mais lidas, festejadas e estudadas de Hilda Hilst, autora homenageada na Flip 2018. Com a forte marca da prosa, este volume de poemas apresenta os temas que consagraram a poeta: a entrega amorosa, a devoção mística, o anseio pelo encontro, o temor da morte. “Se te pareço noturna e imperfeita”, ela escreve, “Olha-me de novo.”

A autora: Em 1950, aos vinte anos de idade, Hilda Hilst lançou seu primeiro livro de poesia, *Presságio*, dando início a uma vasta obra poética que se estenderia por 45 anos. Sua intensa, porém breve produção para o teatro teria início e fim na segunda metade da década de 1960, quando, instalada na lendária Casa do Sol, a autora deixou de lado a atribulada vida paulistana para se dedicar integralmente à escrita. Sua estreia na ficção, no entanto, aconteceria em 1970, com *Fluxo-floema*, celebrado título que foge às categorias fáceis: ao longo de cinco textos de prosa com alta voltagem poética, a autora revela seu talento extraordinário.

LITERATURA TOCANTINENSE



A obra: Uma historieta aqui, uma anedota ali, outra quixotice acolá. Sem titubear, o autor bamburra na lavra de almas insólitas das veredas e dos sertões de um recorte do Brasil. Dignas de contadores em nobreza emparelhada a Miguel Cervantes, Gabriel García Márquez, Machado de Assis. Eis a matéria prima de Ernesto Silva na construção desse *Bem-te-vi*. *Samarica*, Dão Tatalo, Baltazar, Tõe, Serafim Correia do Espírito Santo, Almerindo, Seu Antenor, o Briguello, personagens todos, fantasiados de forma tal, que colocam em risco a lógica e a lucidez das convenções urbanas. *Bem-te-vi pega* a geografia do coração da terra e o relevo da alma de suas histórias e, pleonasticamente, funde. Espontâneo, transforma drama em humor e vice-versa, aboio em liberdade e vice-versa, ficção em realidade (nessa ordem) e vice-versa.

O autor: Nascido em Patos de Minas, no ano de 1973, *Ernesto Silva* retorna ao povoado de Brejo Bonito dois dias depois para viver a infância mesclado à natureza de encanto e prodígio do lugar. A natureza viva, o cerrado, o sertão, as ruas de terra, as vendas com balcão de madeira ensebado, o silêncio de meio dia, e até as canastras trançadas em dorso de luar. Experimento prático do sonho de ser professor. Diferença: a revelação do mundo e suas exigências já viera na bagagem. E daí a convicção do voo que cumpre à Arte: o sisudo, por si só, não basta. Da criança ao homem, apenas a responsabilidade. O resto continua o mesmo pasto.

LITERATURA TOCANTINENSE



A obra: Eis, agora, a *Antologia Infantojuvenil*. É genuinamente compatível com os ideais literários da juventude da Academia Infantojuvenil de Literatura (AIJL) encampadora dos valores transcendentais do escrever, do ler e do aprender como fontes de sabedoria. O resgate desses valores é tarefa incorporada por essa juventude produtora de matéria-prima para esta Antologia que surge num momento delicado e conturbado da vida educacional no Brasil e no mundo, de uma sociedade hipócrita, perversa e regressiva. Sem menosprezo à modernidade, que é útil por excelência, mas foi recebida, socialmente, de forma distorcida, prestando-se, equivocadamente, ao alienismo hipnotizador.

Os autores: Membros da AIJL. Essa academia é associada à Academia Gurupiense de Letras (AGL), que se tornou descobridora e resgatadora de talentos literários sem limites de idade, condição social, econômica, opção sexual, incentivando as boas práticas culturais e abominando as preconceituosas nocivas ao convívio harmônico e pluralista da humanidade. Autêntica timoneira das causas lítero-culturais e congregadora dos valores nobres formadores de consciência social e cristã no espaço de sua atuação jurisdicional, sem prejuízo da extensão além das fronteiras territoriais, quebrando paradigmas nocivos à prosperidade das causas nobres.

PRODUÇÃO ACADÊMICA

O GÊNERO FANTÁSTICO: ENTRE O NATURAL E O SOBRENATURAL

Ilcemara Regina Iensen Farencena¹

O gênero fantástico teve seu amadurecimento no século XX, mas o surgimento, segundo alguns teóricos, ocorreu no século XVIII, na França, sendo visto como uma maneira de contestar o racional, já que esse período foi marcado pelo racionalismo.

O fato é que ele passou por transformações, atingindo notoriedade através da publicação de vários trabalhos, com destaque o de **Tzvetan Todorov**, Introdução à Literatura Fantástica, sendo o percussor dos estudos sistematizados sobre o gênero. Segundo **Todorov**, o fantástico pode ser definido como um acontecimento impossível de se explicar pelas leis racionais, ou seja, o conceito de fantástico está atrelado ao real e ao imaginário, já que um fenômeno estranho pode ser explicado tanto pelas causas naturais quanto pelas sobrenaturais. Nesse sentido, **Todorov** evidencia a importância do leitor no processo de hesitação que está diretamente imbricado à interação do leitor com o mundo dos personagens e a percepção ambígua que o próprio leitor tem dos acontecimentos relatados. O autor vê a **vacilação** que um acontecimento estranho pode provocar tanto no leitor quanto no personagem como a **principal característica do fantástico**. Nesse sentido, é a fluidez das fronteiras entre o natural e o sobrenatural que faz com que as situações se tornem aceitáveis, daí o não questionamento dos fatos tanto por parte do leitor quanto do personagem. Para isso, é necessário que o leitor considere o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais.

Ainda é evidenciado pelo autor a presença, com frequência, do **narrador em primeira pessoa**, recurso esse visto por Todorov como intencional, já que o leitor não suspeita das intenções do narrador e, sendo a primeira pessoa que conta, permite maior identificação do leitor com a personagem. Para **Filipe Furtado**, uma característica essencial do fantástico é o surgimento do **sobrenatural** em um ambiente **cotidiano e familiar**. Remo Ceserani, em **O fantástico**, define essa característica na narrativa como a “passagem de limite e de fronteira”, ou seja, “da dimensão do cotidiano, do familiar e do costumeiro para o do inexplicável e do perturbador”.

Ainda sobre os recursos retóricos presentes na narrativa fantástica, **Ceserani** evidencia **os temas recorrentes e específicos**, como os relacionados ao mundo das almas/dos mortos; a loucura e a duplicidade; aparições e monstros; dissolução/

frustração do amor romântico; a expressão do nada e a individualidade burguesa e seus conflitos. Temas que Todorov dividiu em duas vertentes: “Temas do eu” e “Temas do tu”. Na primeira, concentra-se os que geram oposição – matéria e espírito, das metamorfoses, além do desdobramento da personalidade. Já na segunda vertente temática, o autor faz alusão à sexualidade, visto que, segundo ele, o desejo, como tentação sensual, encontra sua encarnação em algumas figuras mais frequentes do mundo sobrenatural. Temas dessa linhagem reforçam o ambiente híbrido, característica fundamental da narrativa fantástica.

Todorov enfatiza outro elemento significativo na narrativa fantástica: a **temporalidade**, para ele toda obra contém uma indicação relativa ao tempo de sua percepção. O relato fantástico, que marca fortemente o processo de enunciação, põe, de uma vez, o acento sobre esse tempo da leitura, por isso, o fantástico é um gênero que, segundo ele, acusa esta convenção com maior nitidez que os outros.

Por fim, a capacidade projetiva e criativa da linguagem também desempenha papel fundamental na tessitura da narrativa fantástica. Nas palavras de **Ceserani**, o uso da linguagem figurada é que dá vida e força ao sobrenatural e enriquece as descrições devido à capacidade de carregar de valores plásticos as palavras e formar a partir delas uma realidade de modo sistemático e original e, com isso, o leitor é levado pelos recursos retóricos a entrar no mundo ambíguo do fantástico, com visões ou alucinações que geram nele a oscilação entre o real e o irreal.

É com esse propósito que o texto fantástico é construído, deixando “**lacunas**” para que o leitor se mantenha interessado na narrativa, e por ser visto como uma representação mimética do real, esse gênero é defendido como um importante meio de discussão de questões relevantes que permeiam a vida contemporânea através de uma linguagem crítica, problematizadora e resistente a toda forma de fixidez e solidificação.

REFERÊNCIAS

- CESERANI, Remo. **O fantástico**. Tradução de Nilton C. Tridapalli. Curitiba: UFPR, 2006.
- CORTÁZAR, Júlio. **Valise de Cronópio**. São Paulo. Perspectiva. 2008.
- FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Horizonte, 1980.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

¹ FARENCENA, Ilcemara Regina Iensen – Professora mestra em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente do curso de Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, da Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.

MANIFESTAÇÕES DA CARNAVALIZAÇÃO EM 'SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO', DE WILLIAM SHAKESPEARE

Lucas dos Santos Costa¹

Carnaval, suas categorias e carnavalização da literatura, consoante Bakhtin

O carnaval é um conjunto de festividades da cultura cômica popular e apresenta diversas variações dependentes do contexto histórico no qual está inserido. Criou uma linguagem com “[...] formas concreto-sensoriais simbólicas, entre grandes e complexas ações de massas e gestos carnavalescos” (BAKHTIN, 2002, p. 122). Ademais, é composto por ritos, baseados no princípio do riso e, por isso, libertos de “[...] qualquer dogmatismo religioso ou eclesiástico, do misticismo, da piedade, e eles são além disso completamente desprovidos de caráter mágico ou encantatório (não pedem nem exigem nada)” (BAKHTIN, 1993, p. 6). Desse modo, no carnaval a vida se desvia de sua ordem habitual, ou seja, fica ‘às avessas’, ‘invertida’, provisoriamente.



As quatro categorias pertencentes ao carnaval, que são inter-relacionáveis, foram assim definidas por Bakhtin (2002), na Teoria da Carnavalização:

1. *Livre contato familiar* entre os homens: Há uma eliminação das restrições, proibições, leis que determinam a ordem e o sistema na vida comum. Suspendem-se “[...] antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens” (Idem, p. 123).

2. *Excentricidade*: Os gestos e palavras dos homens, ao se libertarem do sistema hierárquico, tornam-se excêntricos e inoportunos, sob a ótica extracarnavalesca. Desse modo, expressam-se e revelam-se os aspectos ocultos da natureza humana.

3. *Mésalliances carnavalescas*: A livre relação familiar “[...] estende-se a tudo: a todos os valores, idéias (sic), fenômenos e coisas. [...] O carnaval aproxima, reúne, celebra os esponsais e combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, etc.” (Idem, p. 123).

4. *Profanação*: É formada “[...] pelos sacrilégios carnavalescos, por todo um sistema de descidas e aterrisagens carnavalescas, pelas indecências carnavalescas, relacionadas com

a força produtora da terra e do corpo, e pelas paródias carnavalescas dos textos sagrados e sentenças bíblicas, etc.” (Idem, p. 123).

Já a *carnavalização da literatura* é a transposição do carnaval para a linguagem literária, “[...] por caráter concretamente sensorial, das imagens artísticas (BAKHTIN, 2002, p.122). Com esse fenômeno, obras, sobretudo do Renascimento (cf. BAKHTIN, 2002), inclusive de Shakespeare, revelam ter sofrido, em diversas proporções, influência de diferentes aspectos do folclore carnavalesco, seja esse antigo ou medieval.

Sonho de uma noite de verão e suas manifestações carnavalescas

Sonho de uma noite de verão, de William Shakespeare, é uma comédia escrita, provavelmente, entre 1595 e 1596, ainda no período Elisabetano, no ápice da Renascença inglesa. Há especulações de que a peça foi feita para ser encenada na cerimônia de núpcias de uma dama da nobreza próxima à rainha Elisabeth I. Embora não se saiba a data exata de sua criação, por análise de seu estilo e temática, pode-se depreender que essa obra pertence à primeira fase de seu autor, que vai de 1590 a 1602, caracterizada por composições dele de tragédias com estilo renascentista, comédias alegres e peças sobre a história da Inglaterra.

A obra trata de paixões exageradas e súbitas e consequentes confusões, em dois mundos contrastantes, inicialmente, o da civilização de Atenas, na Grécia; depois, o de uma floresta mítica e mágica, em que moram seres fantásticos, como fadas e elfos, que fica perto daquela cidade e que ganha mais destaque no enredo. Dessa forma, Shakespeare, com sua visão estética e ideológica renascentista e sua compreensão de mundo carnavalesca, busca casar, amalgamar a realidade com o sonho, a fantasia e o mistério, ao aproximar duas culturas: a oficial, que expressa ordem e seriedade e a popular, que comunica anarquismo e provoca o riso.

Nesse texto teatral, Shakespeare (2016) emprega seres da mitologia greco-romana, germânica ou inglesa, dentre os quais vários são também personagens de obras clássicas. Citemos alguns desses: Hipólita, rainha das Amazonas (mulheres guerreiras), na mitologia grega, que após sua derrota em uma batalha, foi aprisionada e trazida a Atenas para se casar com Teseu, no *Conto do cavaleiro* (um dos *Contos da Cantuária*, *The Canterbury Tales*), de Geoffrey Chaucer (no uso dessa personagem, Shakespeare decidiu considerar esse fato original, em *Sonho de uma noite de verão*); *Oberon*, que é rei dos elfos na mitologia germânica e nas lendas épicas da dinastia merovíngia, além de ser personagem de *O livro do duque Huon de Bordeaux* (*The book of duke Huon of Bordeaux*); e o trapaceiro *Puck* (ou Robin Bom Companheiro), da mitologia inglesa.

Analisaremos em *Sonho de uma noite de verão* manifestações da carnavalização que remontam às categorias carnavalescas já abordadas.

Na floresta, há *mésalliances carnavalescas*, isto é, uma livre relação familiar que ocorre também entre seres mágicos (mais elevados) que povoam esse local e cidadãos atenienses (mais baixos) que vão para lá. Para esse lugar, primeiramente, durante à noite, fogem Hérnia e Lisandro, que estão apaixonados, mas são impedidos de se casar. Depois, Demétrio, que vai perseguir Lisandro. Em seguida, Helena, sempre atrás de Demétrio, com objetivo de conquistá-lo.

Além disso, as ações e palavras de alguns personagens se tornam excêntricas e há uma

revelação do lado oculto deles, por causa de transformações inconscientes nas suas faculdades psicológicas e físicas, ao momento deles terem sua razão e identidade original aparentemente revogadas. Averigua-se isso quando Titânia, rainha das fadas (elevada) e esposa de Oberon, enfeitiçada pela poção do amor, inusitadamente, se apaixona por um tecelão, Nico Novelo, com cabeça de burro (baixo, que representa uma imagem de *realismo grotesco*, de acordo com Bakhtin, 1993). Também, quando Lisandro e Demétrio, que antes amavam Hérmia, estando enfeitiçados, se apaixonam por Helena. Os três apaixonados exaltam de modo exagerado a quem eles passam a amar, inesperadamente. Assim, Shakespeare critica o amor-paixão, ao dar a esse sentimento um caráter descomedido e fortuito.

Ainda, na floresta a liberação do sistema hierárquico ateniense se corrobora quando, em vez de um grupo de atores profissionais, é um grupo de artesãos que lá, de maneira muito atrapalhada e sem preparação para o palco, ensaia a tragédia de *Píramo e Tisbe*. Na ausência de um cenário com todos os elementos da peça original, esses humanos improvisam, representam objetos e, assim, instigam o uso da imaginação pelo público. Dessa forma, por meio de metateatro, são valorizados e simbolizados, na arte teatral, o absurdo e a utopia, que provocam o riso festivo, um ato carnavalesco no qual se fundem a ridicularização e o júbilo, segundo Bakhtin (2002).

Após amanhecer e os cidadãos atenienses voltarem para a cidade e lá permanecerem, há uma suspensão da lei ateniense, quando Hérmia não é punida, após ter desobedecido a seu pai, Egeu, autoridade masculina representante do patriarcado. Ele a havia obrigado a se casar com quem ele havia escolhido, Demétrio. Caso ela não cumprisse com tal ordem que a impedia de se casar com Lisandro, quem verdadeiramente ela amava, seria morta ou enclausurada no convento, segundo tal lei. Entretanto, Hérmia, ao final, se casa com Lisandro e não sofre sanções.

Enfim, depreende-se que *Sonho de uma noite de verão* apresenta elementos carnavalescos, dos quais vimos alguns. Isso fica evidente, na floresta, onde: há uma livre relação entre os personagens mágicos e os cidadãos; ocorre a excentricidade de alguns deles; e a revogação do sistema hierárquico ateniense. Ademais, na cidade, após amanhecer, onde há uma suspensão de sua lei.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: O contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

SHAKESPEARE, William. **Sonho de uma noite de verão**. Tradução de Rafael Raffaelly. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

¹ COSTA, Lucas dos Santos - Graduando em Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO. E-mail:lucascostalettras@gmail.com.

OUTRAS ARTES

LEONARDO DA VINCI E O QUADRO MONA LISA

Felipe Oliveira Neves¹

Isabelle Alves Neves²

SOBRE LEONARDO

Um dos grandes pintores de todos os tempos, Leonardo di Ser Pietro, popularmente conhecido por Leonardo “Da Vinci”, devido ter nascido em Vila de Vinci, na Toscana, Itália em 15 de abril de 1452. Filho ilegítimo de uma camponesa e um tabelião, seus pais não eram casados e sua mãe entregou sua guarda ao pai aproximadamente aos 5 anos de idade, sendo Da Vinci educado por parentes (madrasta e avó).

Passou sua juventude em Florença, em um período de grande excitação artística e cultural. Nunca frequentou escola, portanto seu conhecimento não vinha de estudos formais, mas de muita dedicação, insistência e curiosidades. Dono de um talento inigualável, foi uma das figuras mais importantes do Renascimento – movimento artístico, científico e cultural ocorrido na Europa (Idade Média e a Idade Moderna).

Da Vinci não é reconhecido como gênio apenas pelas suas obras de arte, sua genialidade o fez realizar diversos estudos em áreas distintas, como arquitetura, engenharia civil, Matemática, escultura, óptica e até anatomia humana e, embora conhecido mundialmente como pintor, devido suas obras mais famosas “A Última Ceia” e “Mona Lisa”.

Leonardo não conseguia manter sua atenção voltada para uma determinada área por muito tempo, na maioria das vezes não completava tudo que começava e isso gerou muitos problemas para ele, porque muito de suas obras era encomendas de famílias nobres. Porém, tudo que colocava afincado, desenvolvia com maestria e seus registros comprovam isso. Ele registrava tudo, aproveitando cada lugar das folhas (nesta época papel era muito caro), rascunhava pensamentos, emoções e outras reflexões utilizando códigos e também escrevia de trás para frente. Walter Isaacson relata na biografia de Da Vinci escrita por ele “Habilidades de conectar disciplinas: artes e ciências, humanidades e tecnologias, é a chave para inovação, imaginação e genialidade.”

Leonardo Da Vinci faleceu aos 67 anos, em 2 de maio de 1519, em Cloux na França e foi enterrado na Igreja de Saint-Florentin, em Ambroise.

SOBRE MONA LISA

Talvez não haja tantos mistérios como naqueles 77 por 53 cm pintados em óleo sobre madeira de álamo, com características do alto renascimento italiano como a perspectiva óptica e o sfumato efetuados por Leonardo da Vinci entre 1503 e 1506.

Muito se especula a respeito do verdadeiro nome da figura feminina representada na pintura, fala-se em autorretrato feminino, quando foi roubada em 21 de agosto de 1911, levou até o famoso pintor Pablo Picasso a prestar depoimento como suspeito, Em 1956, a pintura da Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, sofreu dois atentados, um psicopata jogou ácido na tela danificando a parte inferior do quadro quando estava sendo exposta no museu da cidade de Montauban (França).

Em dezembro do mesmo ano, mas agora no Louvre, um boliviano chamado, Ugo Ungaza Villegas jogou um pedra contra no fraco vidro de segurança da época, cortando um pedaço da tela na altura do cotovelo esquerdo da Mona Lisa.

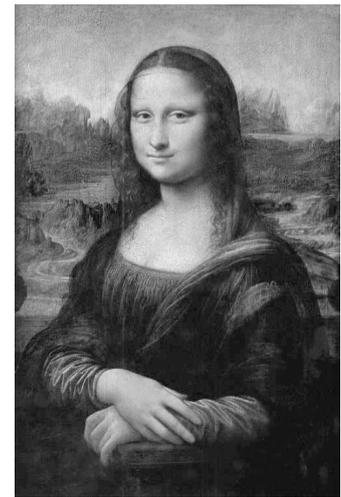
Em 1974, quando estava sendo exposta no Museu nacional de Tóquio, uma deficiente física protestando contra a falta de acessibilidade para cadeirantes ao museu, jogou saquinhos de tintas coloridas, no vidro de proteção.

Desde 2005, está exposta numa sala especial chamada “Joconda”, um local especialmente projetado para uma exposição pública, mais segura, e vigiada por seguranças do museu. Protegida por um vidro blindado, isolada contra variações de temperatura, umidade e vibrações exteriores.

Mesmo assim ainda sofreu mais um atentado em 2009, por uma turista russa, que jogou uma caneca de cerâmica, vazia, causando um pequeno arranhão nesse vidro blindado.

Na minha humilde opinião se trata de um retrato de alguma personagem da época, Madonna Lisa di Antonio Maria Gherardini, a esposa de Francesco di Bartolomeo del Giocondo que encomendou o retrato, pois mesmo com a genialidade peculiar de Da Vinci, ele não iria pintar um quadro que não fosse um retrato com um xantelasma em epicanto de olho esquerdo (face medial do olho), o que levanta a hipótese de que a figura retratada poderia sofrer de hipercolesterolemia (colesterol alto) e nem tão pouco pintar um lipoma em face dorsal da mão direita.

“Leonardo era um gênio, mas não só isso, ele era epítome de uma mente universal e se esforçou para entender por completo a criação de tudo, incluindo o lugar que ocupamos nela.” Walter Isaacson.



Mona Lisa

Artista: Leonardo da Vinci
Dimensões: 77 cm x 53 cm
Localização: Museu do Louvre (desde 1797)
Criação: 1503
Período: Renascimento
Material: Tinta a óleo

¹ NEVES, Isabelle Alves – Graduada em Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO. Graduanda em Psicologia, pela mesma universidade. Especialista em Linguística pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Marabá – FACIMAB e em Educação Parental em sala de aula.

² NEVES, Felipe Oliveira – Professor da Universidade de Gurupi – UnirG. Médico, Graduado em Medicina, pela Faculdade de Ciências Médicas de Alfenas – Unifenas. Especialista em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), pela UNIFESP/ São Paulo-SP. Especialista em Terapia Antálgica e Cuidados Paliativos, pela UNESP/Botucatu-SP.

RODA DE SÃO GONÇALO

Domingas Santana dos Reis¹



Roda de São Gonçalo - Foto: Hellena Batista

A dança de São Gonçalo é uma herança portuguesa que se difundiu por muitas cidades brasileiras, tomando características de cada região. Em Arraias, localizada no sudeste do Tocantins, sendo uma das cidades mais velhas do Estado, em seu município, vive a comunidade Quilombola, da Lagoa da Pedra, um povoado que mantém suas culturas e tradições, como a Roda de São Gonçalo.

A força da fé, a riqueza de uma dança, que não se dança todos os dias, só quando há promessa a pagar. A Roda de São Gonçalo é uma arte considerada valiosa, tanto quanto as rodeiras, os guias e violeiros é a história de luta e resistência da comunidade Quilombola de Lagoa da Pedra, localizada a 32 km de Arraias.

Essa manifestação cultural, apesar de apresentar semelhanças com as comemorações regionais, traz algumas diferenças das demais festas religiosas da região, como as folias de Reis, as folias do Divino Espírito Santo e, até mesmo, das festas que homenageiam São Gonçalo, como ocorriam nos séculos XVIII e XIX. Conforme nos informa o professor Teske (2009, p. 95):

[...] a Roda de São Gonçalo, como pagamento de promessa, na Lagoa da Pedra, é uma manifestação cultural fortemente marcada por aspectos religiosos, sincréticos e de cultura popular, não sendo uma mera dança. A Roda é composta de um conjunto de ações, tais como: preparação, convocação dos atores envolvidos, divulgação, montagem, preparação pessoal, recepção dos participantes, ensaio da dança, janta, paramentação, dança da Roda de São Gonçalo, epílogo, dança da Sússia, ritos finais e o encerramento que, por sua vez, se dividem em várias partes.

A dança é bem simples não requer malabarismo, mas suas músicas, seus passos, suas ladainhas estão no sangue dos Quilombolas com orgulho luta pela preservação de uma cultura. As promessas são pagas nas rodas de São Gonçalo, tradição mais antiga da comunidade da Lagoa da Pedra. São Gonçalo é considerado um Santo milagroso, mas porém muito exigente. Se alguém fez alguma promessa, conseguiu o agrado, tem que pagar. Senão o castigo vem na hora certa.

É uma dança com arcos enfeitados carregados pelas mulheres, uma manifestação religiosa de agradecimento de um morador ou de uma família e que toda comunidade participa.

É um povo alegre de uma alma iluminada que guarda com carinho a história dos primeiros moradores daquela região. Paulino Evangelista Machado e Eduardo Evangelista Machado foram remanescente de escravos negros que trabalhavam nas minas de ouro. Esta cultura é passada de geração em geração para não cair no esquecimento.

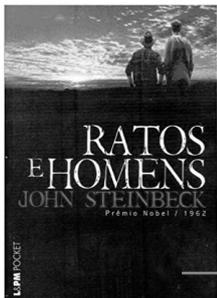
Estes povos desta comunidade pedem a São Gonçalo, para que nunca deixe a roda acabar, que mande chuvas para as roças, fartura para o povo viver, e que a fé acenda nos corações das pessoas. Pois todos são um só povo de um planeta chamado terra.

REFERÊNCIAS

TESKE, Wolfgang. A roda de São Gonçalo na comunidade Lagoa da Pedra em Arraias (TO): um estudo de caso de processo folkcomunicação. 2. ed. Palmas: Kelps, 2009.

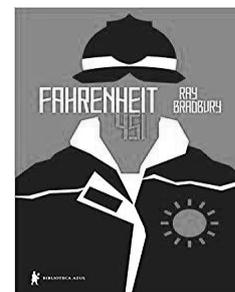
¹ REIS, Domingas Santana dos - Graduanda em Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.

CURIOSIDADES LITERÁRIAS



O primeiro manuscrito de Ratos e Homens foi literalmente comido por Toby, cachorro de John Steinbeck, escritor do livro. Uma noite, ele deixou o cachorro sozinho em casa e quando voltou, este havia comido parte importante do trabalho. Steinbeck, em um telefonema com seu agente, disse: “eu fiquei bem irritado, mas o pobrezinho deve ter feito isso em um momento crítico”.

O autor de Fahrenheit 451, Ray Bradbury, e os editores desse livro acharam que “O bombeiro” era um título muito chato, então ligaram para o corpo de bombeiros local e perguntaram em qual temperatura o papel queima. O bombeiro que atendeu a ligação pediu que Bradbury esperasse, enquanto queimava um livro, então voltou ao telefone e disse a temperatura.



A primeira publicação de uma mulher no Brasil foi só no século 19. Nísia Floresta foi a primeira mulher a ingressar na imprensa brasileira e a ter o nome assinando um livro no Brasil. A autora nasceu no Rio Grande do Norte e já aos 14 anos mostrou a que veio: fugiu da casa do marido e pediu abrigo para os pais, que tiveram que se mudar para Pernambuco.

Graciliano Ramos, enquanto prefeito, multou o próprio pai. O autor foi eleito e era muito rígido: criou um código de postura moral com 82 artigos, dentre eles a proibição de dormir ou criar animais na rua. O pai do escritor de Vidas Secas, Sebastião Ramos, na época criava gado em um terreno baldio e acabou sendo multado pela prefeitura.



Fontes:

20 curiosidades literárias pra você!. Disponível em: <https://www.biblioguarulhos.com.br/2016/10/20-curiosidades-literarias-para-voce.html>. Acesso em: 10/12/2020.

VIGGIANO, Giuliana. 13 curiosidades sobre a literatura brasileira que você talvez não saiba. Revista Galileu. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/07/13-curiosidades-sobre-literatura-brasileira-que-voce-talvez-nao-saiba.html>. Acesso em: 10/12/2020.

Patrocínio

Dr. Felipe Oliveira Neves
CRM-TO 1943

Médico Especialista em Anestesia
Membro da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor

(63) 3312-2570

(63) 98409-4996 📞

REABILITAR - ESPAÇO SAÚDE, Av. Pernambuco, nº 1343 entre ruas 2 e 3 - Gurupi-TO





ISBN: 978-65-00-09155-7

T&E



9 786500 091557